

# Lusofonia: políticas lingüísticas e questões identitárias

Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos

Regina Helena Pires de Brito

## Resumo

A partir do Brasil com suas multiplicidades, podemos sentir, neste início de século XXI, a continuidade da presença de uma efervescência cultural em que americanos, europeus, africanos e asiáticos se misturam ao sentimento de nacionalidade do brasileiro na adoção de uma língua portuguesa, que segue parâmetros impostos por uma política lingüística arrastada desde o quinhentismo e determinante de uma unidade lingüística entre Brasil e Portugal, o que provocou o fortalecimento da língua portuguesa em território brasileiro. Nosso objetivo, neste trabalho, é apresentar resultados de pesquisas realizadas no sentido de comparar o sentimento lusófono no Brasil e em Portugal no que tange às representações escritas em que se observarão aspectos lingüístico-culturais. Em foco, estarão compositores portugueses e brasileiros, representativos da segunda metade do século XX, produtores de letras de músicas que dialogam entre si no que concerne às questões formadoras dos sujeitos lusófonos. Nossa análise fundamenta-se nos princípios e procedimentos da Análise do Discurso.

**Palavras-chave:** língua, lusofonia, cultura, nacionalidade, luso-brasileiro

*Minha pátria é minha língua  
E eu não tenho pátria: tenho mátria  
Eu quero frátria.*

(Caetano Veloso)

*Não tenho sentimento nenhum político ou social. Tenho, porém, num sentido, um alto sentimento patriótico. Minha pátria é a língua portuguesa. Nada me pesaria que invadissem ou tomassem Portugal, desde que não me incomodassem pessoalmente, Mas odeio, com odio verdadeiro, com o unico ódio que sinto, não quem escreve mal portuguez, não quem não sabe syntaxe, não quem escreve em orthographia simplificada, mas a página mal escripta, como pessoa própria, a syntaxe errada, como gente em que se bata, a orthographia sem ípsilon, como escarro directo que me enoja independentemente de quem o cuspiße.*

(Fernando Pessoa)<sup>1</sup>

## Inicialização

Enfocando o Brasil, terra das multiplicidades, podemos sentir, neste início de século XXI, a continuidade da presença de uma efervescência cultural em que americanos, europeus, africanos e asiáticos se misturam ao sentimento de nacionalidade do brasileiro na adoção de uma Língua Portuguesa, que segue parâmetros impostos por uma política lingüística arrastada desde o quinhentismo e determinante de uma unidade lingüística entre Brasil e Portugal, o que provocou o fortalecimento da Língua Portuguesa em território brasileiro.

Ademais, devemos mencionar a enorme variabilidade existente nos contextos em que se fala a Língua Portuguesa, considerando como Gomes de Matos (2001: 93) que a variação é primordialmente estilística e caracteristicamente identificada por meio das designações de variedades coletivas supranacionais (a Língua Portuguesa), nacionais (Português do Brasil, de Portugal, de Moçambique, de Timor-Leste, etc.), regionais (Português sulista, minhoto, etc.), locais (Português paulistano, lisboeta, etc.) e todas as outras variantes diatópicas, diastráticas e diafásicas, o que, abarcando todas as manifestações interacionais entre os lusofalantes, aponta para a imensa riqueza plural e para a surpreendente unidade lingüística dessa língua falada por cerca de duzentos milhões de pessoas no mundo.

Assim, a partir das considerações iniciais, podemos afirmar que, neste trabalho, nosso objetivo é apresentar resultados de pesquisas realizadas no sentido de comparar o sentimento lusófono no Brasil e em Portugal no que tange às representações escritas em que se observarão questões lingüístico-

<sup>1</sup> Respeitou-se a ortografia da época de Fernando Pessoa.

-culturais. Em foco, estarão autores portugueses e brasileiros, representativos da segunda metade do século XX, produtores de letras de músicas que dialogam entre si no que concerne às questões formadoras dos sujeitos lusófonos. Nossa análise fundamenta-se nos princípios e procedimentos da Análise do Discurso.

Selecionamos para as análises as seguintes letras de músicas: *Postal dos Correios* de João Monge e João Gil (Anexo 1) e *A Carta* de Renato Russo e Erasmo Carlos (Anexo 2). As duas letras pertencem ao gênero do discurso estandartizado de uma troca cultural, sócio-política, materializado pela carta, caracterizando relacionamentos pessoais próximos: a primeira expõe um laço de parentesco e a segunda, um laço amoroso. Ambas as cartas, pertencendo, como dissemos a um gênero do discurso estandartizado de uma troca cultural, sócio-política, materializadas por peças artístico-musicais, caracterizam portugueses e brasileiros em seus *habitats*, revelando suas maneiras de tratamento em relação ao outro. Quanto aos compositores, tanto os continentais quanto os d'além-mar dedicam-se à música popular: os portugueses voltam-se à música tradicional portuguesa, com canções que pretendem retratar trajetórias coalhadas de simplicidade de moradores de Lisboa e os brasileiros voltam-se a momentos de emoção vividos na segunda metade do século XX, década de 70 e 80, respectivamente, apontando para comportamentos luso-brasileiros cotidianos referentes a sentimentos amorosos de família e de namorados.

Considerando o *corpus* selecionado suficiente pela sua significação para a análise em questão, passamos a estabelecer algumas reflexões necessárias para o proposto.

## **Conjecturas linguístico-culturais**

Pressupondo que a formação da identidade cultural brasileira é, de fato, advinda de movimento iniciado no século XVI, acirrado no século XVIII e assimilado definitivamente a partir do século XIX, percebe-se a contribuição para que se afirme que os brasileiros, falantes de Língua Portuguesa, possuem características próprias de um povo que se reconhece como parte de um espaço lusófono constituído de realidades radicalmente distintas umas das outras.

Cumprе mencionar, em primeiro lugar, que, desde a época da colonização, a política de domínio de portugueses foi a de impor a sua língua para, assim como os romanos, dominar os seus colonizados, o que marcou, principalmente durante os séculos XVI e XVII, a postura de expansão metropolitana em terras d'além-mar, por onde houve a imposição da Língua Portuguesa; em segundo lugar, que os colonizadores enviaram, então, para a nova terra, aqueles que, cooptados ao

Estado, pudessem levar avante a política expansionista, o que faria com que a metrópole se fortificasse e perdurasse em terras promissoras recém-conquistadas e, por fim, que os sacerdotes enviados para a catequização, fazendo parte do aparelho ideológico do Estado e, por isso, reproduzindo a ideologia do dominante, voltassem o olhar para o surgimento da extensão das novas nações.

Como conseqüência, foram escritas as primeiras obras gramaticais: *Gramática da Lingoagem Portuguesa* de Fernão D'Oliveira (1536) e *Grammatica da Língua Portuguesa* de João de Barros (1540), sistematizadoras da língua em questão, assim o ensino da língua vernácula passa a existir paralelamente ao ensino do língua latina. A partir desse momento, os professores foram autorizados a exercer o seu papel como representante da ideologia vigente em cada época, impondo uma língua normativizada *pela* e *para* a elite e cumprindo seu papel de sustentáculo da dominação pela língua.

Perdura até o século XXI essa situação de imposição da língua pela autoridade conseguida e perpetuada através de todos os séculos, estabelecendo, na relação mestre/discípulo, uma hierarquia funcional herdada de uma sociedade aristocrática em que o conhecimento e a sua disseminação constituem traços distintivos de privilégios e de respeitabilidade junto ao grupo social. Refletindo sobre essa questão, sugerimos que se repense essa relação hierárquica por meio de uma nova forma de leitura de textos lusófonos em que se traçarão caminhos para uma sociolinguística interacional, privilegiando o dialogismo intrínseco nas questões culturais.

Quanto às questões lusófonas, vale referir a necessidade de estabelecermos um elo de igualdade, num espaço supranacional de língua e cultura, lembrando que a Língua Portuguesa é de todos aqueles que a falam e que, por isso, existe uma certa identidade entre os povos lusofalantes e as organizações governamentais. Nesse sentido, trataremos de nós, os que utilizam a Língua Portuguesa, como o denominador comum da Lusofonia, entendida aqui como um sistema de comunicação lingüístico-cultural no âmbito da língua portuguesa e nas suas variantes lingüísticas, diatópicas, diastráticas e diafásicas, que compreende os países que adotam o português como língua materna e/ou oficial, e mais as numerosas comunidades espalhadas pelo mundo.

Nesse universo discursivo lusófono, por meio da Língua Portuguesa, materialidade lingüística, forjam-se comportamentos de portugueses e brasileiros que, em seu espaço, revelam inúmeras inquietações, questões culturais moldantes de uma identidade cultural a ser analisada por meio dos dêiticos discursivos e das formações ideológicas e discursivas presentes nos discursos do *corpus* selecionado.

Tomando por teóricos de base Bakhtin e Maingueneau para o desvendamento da postura do escritor sobre as questões lingüísticas a partir da primeira metade do século XX, atentaremos para as condições de produção, considerando o texto como um lugar de manifestação consciente, em que o homem

organiza, adequadamente, de acordo com a situação contextualizadora de seu discurso, os elementos de expressão que estão à sua disposição para veicular o seu discurso.

Iniciaremos, então, buscando, em *Postal dos Correios*, elementos de expressão que, organizados pelo sujeito de maneira informal e criativa, salienta a relação de parentesco em *Querida mãe, querido pai, então que tal?*, em que as formas de tratamento *Querido* e *Querida* revelam o carinho necessário no trato com os pais de família portuguesa que, de acordo com a sua formação ideológico-cultural, exige reverência e delicadeza com seus progenitores, seguindo a uma hierarquia não questionável em que os mais velhos têm prioridade sobre os mais novos que lhes devem atenção, respeito e obediência. Os ditos seguintes: *Nós andamos do jeito que Deus quer / Entre os dias que passam menos mal / Lá vem um que nos dá mais que fazer*, denotam o lugar de subjetividade (“*nós andamos*”) e o discurso, reflexo das condições de produção, revela um apego às crenças, numa demonstração de que um catolicismo conformista se põe como um forte traço cultural e identitário, determinante de um destino inexorável e implacável, marcado pelos desígnios de *Deus* (*Nós andamos do jeito que Deus quer*) – bem ao gosto da doutrina salazarista<sup>2</sup> (a mesma que imprimiu o discurso de *Portugal = aldeia*). Os temas inexorabilidade do destino e aceitação do cotidiano, presentes na cultura luso-brasileira como parte das formações discursivas existentes na formação social em questão, também se manifestam pelo dito do sujeito por meio das figuras *passar dos dias tranqüilo e sem agitações – realizar atividades esporádicas*. Com efeito, na medida em que analisamos tais manifestações determinadas pelas formações ideológicas aí presentes, podemos afirmar que o discurso não é único e irrepetível, mas cita outros discursos inseridos no espaço lusófono.

Convém lembrar a existência, em cada manifestação discursiva, de mecanismos de toda formação social com suas regras de projeção estabelecedoras da relação entre as situações concretas e as representações dessas situações. Assim, em relação às situações comunicativo-interacionais, salientam-se: o introdutor de conversação *mas* e o verbo *falemos* ligado à oralidade em presença num texto escrito (*Mas falemos de coisas bem melhores*). Esse lugar de representações sociais constitutivas da significação discursiva traz-nos a relação familiar em que os agentes da cena enunciativa co-participam das mesmas situações em que agem os mesmos sujeitos (*Laurinda e rapaz*). As ações realizadas pelos sujeitos desvendam, na formação discursiva, a posição da mulher – costureira, com serviços “caseiros”, considerados subempregos nas relações de trabalho (*A Laurinda faz vestidos por medida*) e a posição do homem – estudante de computação para atingir uma profissão moderna com excelentes perspectivas,

<sup>2</sup> A esse respeito, recomendamos a leitura de M.L. Martins (1996) “A nossa pátria é a religião católica”. *Para uma inversa navegação*. Porto, Afrontamento. p. 91-104. Além dessa obra, indicamos do mesmo autor: (1990) *O olho de Deus no discurso salazarista*. Porto, Afrontamento.

trabalho bem visto pela maioria dos jovens que vêm na informática o caminho para a modernidade, para o futuro, para a grande possibilidade de ingresso no “conhecimento”, no mercado de trabalho moderno e na sociedade bem sucedida. (*O rapaz estuda nos computadores / Dizem que é um emprego com saída*).

Nos ditos acima, percebemos a representação social dos locutores na manifestação discursiva, no contexto determinado, levando-nos às condições de produção. Isto é, o sujeito-falante ocupa um lugar na sociedade, assim como o sujeito-ouvinte, ambos fazendo parte da significação, ocupando lugares que são o espaço das representações sociais, estabelecendo relações de sentido com outros discursos e apontando para outros discursos, donde podemos ler, quanto a esse posicionamento, o engano revelado, pois somente os sujeitos sociais que, de fato, adquirirem conhecimentos poderão galgar posições sociais promissoras. Isto ocorre uma vez que devemos considerar a concepção de que a aquisição de conhecimento por intermédio dos meios de comunicação virtual é um grande equívoco, pois receber uma grande quantidade de informações pelo meio digital, sem que haja o processo cognitivo de ampliação de conhecimento de mundo, não garante a aquisição de conhecimentos.

Dessa maneira, percebemos que os sujeitos constitutivos dos discursos são marcados ideologicamente, obedecendo, de acordo com Fiorin (1988: 28), a *um conjunto de idéias e representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens*. Assim é que percebemos nos ditos seguintes: “*Cá chegou direitinha a encomenda / Pelo “expresso” que parou na Piedade / Pão de trigo e linguiça pra merenda / Sempre dá para enganar a saudade*”, cada sujeito (o que enviou a carta e aquele que a recebeu) inserido em determinada classe social com sua visão de mundo, sua formação ideológica (FI) à qual corresponde sempre sua formação discursiva (FD) que materializa essa visão de mundo. O “*Cá*” e o “*direitinha*” mencionados, mais o local Parada “*Piedade*”, os alimentos que fazem parte do cotidiano luso “*pão de trigo e linguiça pra merenda*” e a forma de se afirmar a dificuldade de se estar longe da família, tendo a necessidade de enganar o sentimento desagradável que se tem nessa situação (a saudade) “*Sempre dá para enganar a saudade*” são manifestações de que as FD determinam o que dizer, assim como as FI impõem o que pensar, pois o indivíduo é “assujeitado” pelo discurso já que este reflete, em sua instância enunciativa, as marcas ideológicas que se refletem nas FD, constituindo diferentes efeitos de sentido entre os locutores. Notemos que esses alimentos, tão simbolicamente marcados, podem ser comprados em toda parte, mas “vindos da terra” acabam por materializar o gosto da saudade. As FD, como sabemos, se remetem à memória, ao já-dito, provocando uma reorganização nos elementos discursivos, redefinindo ou direcionando os sentidos da linguagem, enquanto as FI se remetem à ideologia, vista como um conjunto de idéias

que regem princípios, moral, costumes e a maneira de o homem se comunicar consigo mesmo, com os outros homens e com o mundo.

Na verdade, tais formações são manifestadas pelos sujeitos por meio da língua, instituição nacional das várias comunidades lusófonas, que deve ser preservada pelos membros de uma sociedade e que permite a compreensão recíproca num presente de uso efetivo, deixando perceber na atitude volitiva: “*Espero que não demorem a mandar / Novidades na volta do correio*”, a necessidade de receber notícias recentes pelo tradicional método de comunicação: a carta. Sabendo que estão incorporadas nos comentários, nas observações, nas postulações do locutor, as tendências da época, podemos mencionar que as marcas ideológicas são reveladoras de que a “*consciência individual é um fato sócio-ideológico*” (Bakhtin, 1992:35) revelador das coisas comuns entre os locutores EU / TU, presentes no texto em tela, sujeitos que possuem conhecimentos do local e por ele se interessam; trata-se de alguns bens (*ribeira e oliveiras*) existentes e comuns entre eles: “*A ribeira corre bem ou vai secar? / Como estão as oliveiras de candeio?*”. Estas referências aos elementos ligados à vida agrícola, contrastantes com os dados da vida urbana colocados, ajudam a construir a dimensão imaginária do migrante – naturalmente saudosista – que seguiu do interior para o litoral (tal qual seguem, agora, pelo expresso, o “pão de trigo e a linguíça”) e traduzem, de certa forma, as marcas da vida na aldeia, normalmente dura, e que tinha, por seu turno, a imagem da família reunida na lida do campo e em torno da mesa. Em continuidade, temos a produção de efeitos de sentido se dando nas formas de interação verbal ligadas às situações vivenciadas pelo grupo social do locutor que, comprometido com as relações familiares, afirma ter tratado de todas as questões caseiras esperadas em uma interação realizada pelo gênero do discurso estandardizado de uma troca sócio-cultural, materializado pela carta, caracterizando relacionamentos pessoais próximos e envia “*cumprimentos*” àqueles que são elo entre os interlocutores: “*Já não tenho mais assunto pra escrever / Cumprimentos ao nosso pessoal*” A finalização da interlocução se dá na remissão à questão da interdiscursividade como processo de reconfiguração incessante em que uma formação discursiva é levada a incorporar elementos pré-construídos, produzidos fora dela. Dá-se na menção de um cumprimento afetuoso e da possibilidade do reencontro em momento de confraternização universal: “*Um abraço deste que tanto vos quer / Sou capaz de ir aí pelo Natal*.”

Notamos a carga sócio-ideológica constante da obra de ficção em questão (letra de música) reveladora da necessidade de se registrarem sentimentos próprios das relações sócio-familiares, referindo-se ao distanciamento entre os locutores – e, ainda, tratando indiretamente do distanciamento de um *tempo* e de um *espaço* que povoam a memória e alimentam o estereótipo da “saudade”, tão característica da “alma lusitana”. Tais ditos referem-se a um conjunto de discursos possíveis a partir de inúmeras condições de produção semelhantes, observadas em outras tantas obras pertencentes ao mesmo gênero discursivo.

Assim, percebemos a representação social do locutor como porta-voz de enunciados comuns em situações dessa natureza, o que nos leva a afirmar a sua posição revelada pelas marcas que atestam seu dizer, num momento determinado: primeira pessoa / segunda pessoa (inclusive por meio de formas vocativas) em tempo presente: “*Querida mãe, querido pai / Nós andamos / Mas falemos / Espero que não demorem a mandar / Já não tenho mais assunto pra escrever / Cumprimentos ao nosso pessoal / Um abraço deste que tanto vos quer / Sou capaz de ir aí pelo Natal*”. Tais marcas lingüísticas, constantes na materialidade discursiva apontam a relação com a situação e a sua representação contextualizada.

Por último, devemos apontar, seguindo Buescu (1992), a definição da fisionomia específica da nação portuguesa no grande espaço geográfico da latinidade integradora e “europeizante” em que a educação, compreendida juntamente com a cultura, garantiu e garante a transmissão dos valores culturais, intrínsecos em cada dito do texto tomado para análise. E devemos salientar, ainda, segundo Martins (s/data), a visão de que a pedra angular da racionalidade sociológica são as práticas sociais que permitem voltarmos a atenção aos sujeitos utilizadores da linguagem no interior de um dado campo social que apresenta relações assimétricas nas quais os signos significam alguma coisa.

Passaremos, agora, à busca, em *A Carta*, dos elementos de expressão que, organizados pelo sujeito de maneira afetuosa e informal, salienta a relação de amizade amorosa em “*Escrevo-te essas mal traçadas linhas, meu amor*, em que o TU, expresso em *te* e na forma de tratamento vocativa *meu amor* revela, na relação com o EU, expresso em *Escrevo* e em *meu*, o carinho adequado para uma relação homem / mulher brasileiros que, de acordo com a sua formação ideológico-cultural, exige a ternura e a delicadeza com seu parceiro amoroso. O dito seguinte: *Por que veio a saudade visitar meu coração* denota o lugar de subjetividade (“*meu coração*”) e o discurso, reflexo das condições de produção, demonstra o apego às relações que propiciam a proximidade, porque, se existe a distância, os sentimentos são de saudade. Tal situação já havia sido apontada no texto português, pois esse sentimento – a saudade – é próprio da cultura dos latinos em geral, e dos lusófonos em específico, apresentando-se como revelador de paixões, que se reforçam com a distância, machucando os pares envolvidos. Nos próximos enunciados: “*Espero que desculpes os meus errinhos, por favor / Nas frases desta carta que é uma prova de afeição,*” manifestam-se preocupações com a norma padrão culto da Língua Portuguesa, num sentimento de respeito à língua e à pessoa que lerá a sua carta, pois o locutor pede que o interlocutor o desculpe pelos “*errinhos*” que, porventura tenha cometido. Prossegue numa demonstração de afeição que se mostra como um forte traço cultural determinante das relações culturais do espaço lusófono e, assinalemos, numa atitude preconceituosa em relação ao uso da língua, ao pedir perdão pelos “desvios” de norma culta que porventura viesse a “cometer”. Segue utilizando o

verbo na segunda pessoa do singular, em concordância com manifestações linguísticas brasileiras de algumas regiões do país, já em processo de alteração para o uso da segunda pessoa com o verbo em terceira pessoa, em finais da década de sessenta.

Os temas unilateralidade no amor e esperança no futuro, presentes na cultura luso-brasileira como parte das formações discursivas existentes na formação social em questão, também se manifestam pelo dito do sujeito por meio das declarações: *“Talvez tu não a leias mas quem sabe até darás / Resposta imediata me chamando de meu bem / Porém o que me importa é confessar-te uma vez mais / Não sei amar na vida a mais ninguém.”* Assim, na medida em que analisamos tais manifestações determinadas pelas formações ideológicas aí presentes, podemos afirmar que cada sujeito inserido em uma determinada classe social carrega uma visão de mundo, sendo essa a sua formação ideológica à qual corresponde sempre uma formação discursiva que materializa essa forma de percepção da realidade circundante.

Em seqüência, temos a produção de efeitos de sentido se manifestando na interação verbal ligada às situações amorosas vivenciadas pelo locutor inserido em seu grupo social e compromissado com as relações homem/mulher *“Quanto tempo faz que li no teu olhar / a vida cor-de-rosa que eu sonhava / E guardo a impressão de que já vi passar / Um ano sem te ver, um ano sem te amar”*, em que se afirma a leitura do olhar como a possibilidade de se conhecer os sentimentos de um sujeito amado, além da captação de certezas em relação ao futuro sem problemas, repleto de ações bem sucedidas em uma interação em que o locutor se dirige ao interlocutor por meio do já mencionado gênero do discurso estandardizado de uma troca sócio-cultural, materializado pela carta. Caracteriza-se, então, um relacionamento pessoal de distanciamento temporal em que o EU, manifestado pelos verbos *“li” “eu sonhava”, “guardo” e “vi”* na primeira pessoa do singular, realiza uma ação com a intenção de agir sobre um TU, materializado pelo pronomes possessivos e pessoais de segunda pessoa do singular *“teu olhar”, “te ver” e “te amar”*, num processo em que o sujeito-autor utiliza palavras carregadas de senso comum ideologicamente marcadas por um período de repressão política, assumindo posições e exercendo papéis de acordo com as situações cotidianas vivenciadas naquele determinado momento, estabelecendo-se, assim, como produto histórico-social revelado como sentimentalista, ao mencionar somente relações afetivas.

A afetividade, característica de sujeitos lusófonos, apresentada nas mais diversas relações de afetividade (de família e namorados) mostra-se a seguir nos ditos *“Ao me apaixonar por ti não reparei / que tu tiveste só entusiasmo / E para terminar, amor, assinarei / Do sempre, sempre teu Erasmo”*. Especificamente, neste texto, a presença do EU e do TU faz-se notar pelos pronomes *“me”, “ti”, “tu”, “teu”* e dos verbos *“apaixonar”, “assinarei”* reveladores de um modo luso-brasileiro de ser.

## Finalização

Percebemo-nos, então, diante de marcas lingüísticas que são, antes de tudo, fenômenos culturais que afetam o modo de existência de uma cultura, do mesmo modo que delas procedem, revelando-nos, por meio de letras de canções populares, as facetas identitárias atinentes à supranacionalidade, nacionalidade, regionalidade e localidade, constituindo elementos para o conceito de realidade social marcada pela unidade e pela diferença.

Neste sentido, o fenômeno lingüístico integra-se à prática social, à dinâmica comunicativa cotidiana, às necessidades discursivas da comunidade que partilha uma mesma realidade, delineando, no espaço lusófono, multiplicidades componentes de um grande e efervescente “caldeirão” cultural.

## Referências bibliográficas

- Bakhtin, M. (1992) *Marxismo e filosofia da linguagem*, São Paulo: HUCITEC.
- Buescu, M. L. C. (1992) *Aspectos da herança clássica na cultura portuguesa*, Lisboa: ICALP – Ministério da Educação.
- Fiorin, J. L. (1988) *Linguagem e ideologia*, São Paulo: Ática.
- Gomes de Matos, F. (2001) ‘Como explicar variantes de uso no português? Um desafio descritivo-prescritivo.’ *Confluência – Revista do Instituto de Língua Português*, 21: 93-96.
- Maingueneau, D. (1989) *Novas tendências em análise do discurso*, Campinas: Pontes.
- Martins, M. de L. (s/data) ‘O ponto de vista argumentativo da comunicação.’ in <http://ubista.ubi.pt/~comum/martins-moises-lemos-argumentativo.html>

## Anexo 1

### POSTAL DOS CORREIOS

João Monge e João Gil

Querida mãe, querido pai. Então que tal?  
Nós andamos do jeito que Deus quer  
Entre os dias que passam menos mal  
Lá vem um que nos dá mais que fazer

Mas falemos de coisas bem melhores:  
A Laurinda faz vestidos por medida  
O rapaz estuda nos computadores  
Dizem que é um emprego com saída

Cá chegou direitinha a encomenda  
Pelo “expresso” que parou na Piedade  
Pão de trigo e linguiça pra merenda  
Sempre dá para enganar a saudade

Espero que não demorem a mandar  
Novidades na volta do correio  
A ribeira corre bem ou vai secar?  
Como estão as oliveiras de “candeio”?

Já não tenho mais assunto pra escrever  
Cumprimentos ao nosso pessoal  
Um abraço deste que tanto vos quer  
Sou capaz de ir aí pelo Natal

Um abraço deste que tanto vos quer  
Sou capaz de ir aí pelo Natal

## Anexo 2

### A CARTA

Renato Russo e Erasmo Carlos

Escrevo-te essas mal traçadas linhas, meu amor  
Por que veio a saudade visitar meu coração  
Espero que desculpes os meus errinhos, por favor  
Nas frases desta carta que é uma prova de afeição

Talvez tu não a leias mas quem sabe até darás  
Resposta imediata me chamando de meu bem  
Porém o que me importa é confessar-te uma vez mais  
Não sei amar na vida a mais ninguém

Quanto tempo faz que li no teu olhar  
a vida cor-de-rosa que eu sonhava  
E guardo a impressão de que já vi passar  
Um ano sem te ver, um ano sem te amar

Ao me apaixonar por ti não reparei  
que tu tiveste só entusiasmo  
E para terminar, amor, assinarei  
Do sempre, sempre teu Erasmo